

A DERROTA DA ALCA: 10 anos de luta e resistência

Construir e promover a participação popular nas decisões que afetam diretamente os povos foi uma das bases de luta e resistência da Campanha Contra a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) no Brasil e da Campanha Continental. Desde este começo já se foram mais de 15 anos; da derrota da ALCA, no formato que nos foi apresentado pelos governos, já se passaram 10 anos, quando da luta popular travada em Mar del Plata, Argentina em 2005. As ruas desta cidade argentina foram tomadas por lutadores/as de toda a nossa América que gritavam em uníssonos: *No al ALCA, Otra América es Posible*.

Desde o início da Campanha brasileira e continental, muitos foram os acúmulos no campo da elaboração crítica, assim como no campo da ação. No caso brasileiro realizamos em 2002 o segundo plebiscito popular. Sendo que o primeiro foi em 2000 sobre a Dívida Externa, processo exitoso. Em 2002 nos utilizamos desta importante ferramenta de debate, de encontro com a população, de reflexão e que carrega em si grande pedagogia de diálogo popular. Essa ferramenta, os plebiscitos, é tida como grande “escola de formação política”. Isso falando do caso brasileiro. Hoje já realizamos cinco momentos plebiscitários populares, sempre com grande êxito. Neste processo dos plebiscitos a rede Jubileu Sul Brasil esteve a frente das secretarias, com grande responsabilidade política de construir os processos de forma horizontal e no coletivo, os dos plebiscitos da Dívida em 2000, da ALCA em 2002, e da Vale em 2004.

Essa experiência plebiscitária foi experimentada por outros países para realizar este debate sobre a ALCA com formatos e metodologias diferenciados conforme a realidade de cada região ou país. No debate sobre a ALCA foram incorporados outros temas que estavam na agenda das articulações, das redes, dos movimentos na América Latina, tais como a luta contra os Trados de Livre Comércio – TLCs e a OMC (Organização Mundial do Comércio), os transgênicos, a militarização, a luta contra a Dívida, e tantas outras que ganham força.

É importante ressaltar que até 2002, tanto no Brasil como na maioria dos países de nossa América “Pátria Grande”, não se falava sobre a ALCA ou quase nada. É neste contexto de silêncio abismal por parte de setores interessados (governos, empresários de diversos setores – comunicação, indústria, comércio, ...) que os tratados ali negociados tivessem êxito, a Campanha rompe fronteiras e passa a denunciar o pacote “cavalo de Tróia” que carrega em si impactos nefastos para vários setores e para a soberania de nossos países. Desde aí se consolida vários grupos de trabalho continental para monitorar os acordos e negociações tanto no âmbito da ALCA como da OMC. Pois no entendimento que se construiu na Campanha Continental era de que ALCA e OMC eram faces da mesma moeda imposta pelo capital aos povos.

Os anos que se seguiram de 2002 até 2005 em Mar del Plata foram repletos de grandes e vitoriosas lutas, onde uma agenda comum em todo o continente nos fortalecia, nos unia, nos identificava. Os encontros continentais realizados em Havana/Cuba nos dava a dimensão e nos unificava na ação. Mar del Plata, em 2005, foi um belo momento (durante a IV Cúpula dos Povos, durante a IV Cúpula dos Presidentes das Américas) de coroar essa longa jornada de resistência na defesa da soberania e da autodeterminação dos povos. Registramos que muitos acordos que estavam presentes e sendo negociados no âmbito da ALCA foram ou estão sendo implementados de modo fracionado via tratados bilaterais, via OMC ou de outro modo conforme os interesses do capital e do imperialismo. Mas a luta do povo organizado “enterrou” a ALCA em Mar del Plata. O capital sempre encontra novas formas de se transformar e continua acumulando, se apropriando dos territórios e aplicando sua forma de expropriação, não conseguiu através da ALCA, mas faz isso de outro modo nos dias de hoje (privatizações, financeirização da vida, dos bens comuns,...). Mas neste ano de 2015 temos que comemorar essa luta e a bela história construída e, nos perguntar como estamos hoje, com o olhar neste processo como podemos avançar?

A campanha também foi exitosa pela reconstrução e descoberta de novas formas de organização da luta, das mobilizações, criou identidade, gerou engajamento e participação popular, seja através dos plebiscitos, das consultas populares, das marchas, inovando na comunicação, participando das cúpulas dos povos (encontros paralelos aos espaços oficiais dos governos”, dos Encontros Hemisféricos e tantas outras formas que descobrimos juntos, todos com objetivos comuns, defender os interesses dos povos, da soberania numa luta contra incansável contra o inimigo comum, o avanço do imperialismo.

Importante observar que chegamos a este acúmulo também por ter um processo de luta e elaboração crítica desde os anos 90 no continente, uma grande resistência contra o avanço das políticas neoliberais impostas, que culminou nos primeiros anos da década de 2000 contribuindo para a organização da campanha. A correlação de força dos movimentos sociais e populares e de governos frente às formas neoliberais imperialista que se apresentavam, sejam através dos TLCs ou mesmo o acirramento do embargo econômico sobre Cuba, a luta dos coccaleros na Bolívia, a luta contra as privatizações no Brasil, a Venezuela com a chegada de Hugo Chaves ao governo e a nova forma de integração, abre o leque para a chegada de governos populares, o que por um lado contribuiu para que a Alca não fosse implementada. Foi um momento de grande convergência e unificação a partir da necessidade de unir-nos como organizações e militantes em torno do inimigo comum, o avanço do imperialismo.

Os povos seguem dando exemplo de luta e resistência frente às forças burguesas e as políticas neoliberais que avançam e almejam ganhar terreno em nossa Pátria Grande. Durante os anos de luta contra a Alca processos novos surgem e dão força para pensar projetos populares, novas formas de integração, ALBA, por exemplo, que fortalecem a resistência contra a ofensiva do capitalismo imperialista sobre os povos. O imperialismo

também encontra novas formas de avançar e tem feito isso através dos novos agrupamentos de setores conservadores alinhados aos grandes grupos dos meios de comunicação, multinacionais e tem avançado sobre os territórios, se apropriando dos bens naturais, financeirizando a vida humana e a natureza. Para fazer frente a isso os movimentos sociais propõem outra integração e pensar novos mecanismos como é a ALBA, Unasaur, Celac ou ainda processos como a Assembléia dos Povos do Caribe, como foi a Cúpula dos Povos na Rio+20. A Alca acabou como a conhecemos, mas ela continua sendo implementada com muitos outros nomes e faces. Pensemos que ao mesmo tempo que a luta avança para derrotar a ALCA a o ofensiva do capital segue avançando sobre os países com história de luta e resistência como é o caso da Ocupação das tropas da Minustah no Haiti e o golpe de estado em Honduras em 2004, o Impeachment de Lugo no Paraguai em 2012. Não podemos nos esquecer das formas como o imperialismo e os seus tentáculos encontram nova forma de se sustentar e de se manter, devemos estar sempre alerta. *Alerta! Alerta! Alerta! que camina, Alerta, Alerta! Alerta! Nuestra América Latina!*

O cenário após 10 anos da derrocada da ALCA é também complexo e exigente para os países e para a nossa Pátria Grande. Por fim, a Campanha Continental contra a ALCA deve ser colocada dentro de um poderoso processo de organização e mobilização dos povos alavancada por uma crescente luta nos anos 90 e que culminaram nos anos 2000. Foi neste rico processo que reuniram-se centenas de milhares de militantes e ativistas com garra, energias e sinergias com os movimentos de mulheres, povos tradicionais/originários, camponeses, jovens, estudantes, sindicalistas e tantas outras organizações, redes e articulações foi o motor para alcançarmos o objetivo naquele momento. E hoje de olho no caminho percorrido se juntáramos uma vez mais para fortalecer e reorganizar a luta no Continente. Pois o inimigo segue avançando e tomando nossos territórios e se apropriando.

Passados 10 anos, é chegado o momento de nos reencontramos e olharmos o caminho construído em processo e nos perguntar: o que aprendemos e o que ainda podemos construir juntxs pela soberania dos Povos?

Rosilene Wansetto, secretaria da rede Jubileu Sul Brasil – 15 anos de luta e resistência contra toda forma de dominação!

Articulo publicado originalmente en EL LIBRO: "ALCA DEZ ANOS, FRACASO E ALERTA A NOVAS NEGOCIAÇÕES" Fundação Persu Abramo, CAP. 4, PAG. 74, SÃO PAULO, 2015.